

A educação sexual entre o divã e o confessionário (anos 1950)

Carolina da Costa de Carvalho

Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz)
carolinaccarvalho@outlook.com

Resumo

O trabalho pretende apresentar algumas reflexões sobre a educação sexual na década de 1950, com especial destaque para dois discursos que disputavam pela autoridade sobre o sexo e a sexualidade: a psicanálise e o catolicismo. A partir da educação sexual, busca-se identificar as tensões e ambiguidades entre psicanalistas e católicos, uma vez que havia uma preocupação compartilhada com a leitura como garantia de uma sexualidade biológica e moralmente “saudável”. A imprensa foi o veículo privilegiado por ambos os grupos, a exemplo das revistas ilustradas *Seleções Sexuais* e *Ciência & Sexualidade* e dos periódicos católicos *Lar Católico* e *A Família Cristã*. Apesar das especificidades, compartilhavam do interesse em educar seus leitores, contribuindo para a circulação da educação sexual para um público leigo, que incluía desde jovens virgens a pais interessados em iniciar seus filhos nos assuntos sexuais, além de indivíduos que buscavam ajuda na correção de comportamentos “desviantes”, como homossexualidade e masturbação. Através das seções de aconselhamento médico ou espiritual, os leitores “confessavam” suas angústias íntimas e recebiam instruções dos conselheiros. Nesse sentido, as considerações de Michel Foucault (2017) a respeito da confissão enquanto produtora de uma verdade sobre o sexo e de Roger Chartier (2011) sobre as práticas de leitura dos indivíduos contribuem não apenas os discursos, como também as apropriações leigas dos saberes em questão, a fim de compreender em que medida é possível afirmar que a educação sexual ocorria nas fronteiras entre ciência e religião nos cuidados com o corpo e a saúde.

Palavras-chave: educação sexual, imprensa, subjetividade; psicanálise, Igreja Católica.

1. Introdução

O trabalho proposto trata a respeito das diferentes leituras da educação sexual durante a década de 1950 no Brasil, a fim de compreender como a diversidade de discursos a respeito do sexo contribuiu para a formação de uma cultura sexual no país.¹ A educação sexual serviu à normatização da sexualidade segundo padrões biológicos e a medicalização de comportamentos “imorais” e “desviantes”, bem como à moralização do sexo segundo valores cristãos. Nesse esforço de produzir uma pedagogia do sexo, contribuiu para a produção de várias publicações sobre o assunto, que tinha como leitor ideal um público leigo. A fim de contribuir para as questões que tratam de gênero e sexualidade, pretende-se apresentar no simpósio algumas reflexões historiográficas a respeito do assunto, em especial os conflitos e ambivalências entre dois grupos cujos discursos e práticas sobre o sexo que se destacam nesse período: a psicanálise, especialidade científica “moderna” sobre os assuntos da intimidade e do “Eu”, e o catolicismo, discurso que

¹ O trabalho é parte de um projeto de dissertação de mestrado em desenvolvimento no programa de pós-graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz sob orientação da professora Dra. Kaori Kodama (COC/Fiocruz) e com auxílio CAPES.

pregava uma moralização conservadora do sexo. A compreensão das leituras dadas à educação sexual por psicanalistas e católicos implica em identificar quais os modelos propostos, como eram veiculados, quais os mediadores nessa divulgação e, em especial, a recepção destas obras entre um público leigo.

O interesse pela década de 1950 se justifica não apenas por ser o período de publicação das fontes selecionadas, mas também por ser pouco abordado quando comparado com as décadas anteriores, marcadas por um intenso debate sobre a institucionalização da educação sexual que mobilizou médicos, educadores, psicanalistas, católicos, sexólogos, higienistas, eugenistas, psiquiatras e outros grupos (Felicio, 2012; Chucailo, 2015). Grande parte dos estudos sobre educação sexual se concentra na área de Educação, mesmo aqueles que apontam para aspectos históricos (Reis, 2006; Augusto, 2015). Assim, ainda há lacunas historiográficas a serem preenchidas no que diz respeito a uma história da educação sexual no Brasil, sobretudo análises que considerem, para além dos debates teóricos no campo médico e especializado, a apropriação desses saberes pela população leiga (Nunes; Silva, 1999; Carrara; Russo, 2002), de modo a verificar o alcance e os limites dessas estratégias de popularização dos saberes sobre o corpo e sobre a vida sexual dos sujeitos.

2. Psicanálise e religião: conflitos e aproximações possíveis

A análise dos discursos psicanalista e católico e seus respectivos modelos de educação sexual parte da hipótese de que não eram totalmente antagônicos, mas que é possível identificar certos pontos de aproximação e ambiguidades nas relações entre ciência e religião, sobretudo no que se refere ao corpo. Ainda que questionasse o sexo como pecado, a psicanálise defendia uma sexualidade “normal” também circunscrita no casamento e na reprodução e dava uma roupagem patológica a comportamentos considerados imorais e pecaminosos para os católicos, como a homossexualidade e a masturbação. O casamento, muitas vezes, era indicado como solução para tendências e práticas homossexuais, incluindo nos casos em que os pacientes – homens – relatavam sentirem “aversão à mulher” (Silva, 1954, p. 21).

Por outro lado, é possível identificar um esforço da Igreja Católica em falar sobre o sexo, a fim de oferecer explicações sadias aos seus fiéis frente ao avanço de explicações “modernas” e seculares consideradas imorais e obscenas. Desta forma, foram produzidos muitos livros sobre educação sexual cujos conteúdos eram semelhantes a manuais catequéticos e mostravam certo diálogo com as discussões científicas do período. Tais publicações eram consideradas instrumentos

de formação da juventude cristã e, de modo geral, tratavam de assuntos como namoro, casamento e castidade, a fim de instruir tanto jovens cuja vocação era o casamento quanto pais preocupados em dar uma boa educação a seus filhos e filhas, e tal pedagogia moral e religiosa se dava através de seções de aconselhamento em revista, que atuavam como “confessionários discursivos” (Dalmolin, 2012, p. 81).

Um episódio em especial se destaca como ponto de partida para algumas das questões aqui colocadas. Em 1940, o psicanalista carioca Gastão Pereira da Silva² publicou uma resenha intitulada “Um aspecto religioso da psicanálise” na revista literária *Dom Casmurro*. O texto tinha como finalidade anunciar uma futura publicação homônima – que nunca ganhou materialidade, ao menos com esse título – sobre as relações entre religião e psicanálise, apontando que a doutrina freudiana não era incompatível com os postulados religiosos. Para confirmar as aproximações entre psicanálise e religião, citava a famosa amizade entre Freud e Oskar Pfister, um pastor suíço com quem o médico austríaco manteve uma amizade de quase trinta anos. Ao apontar as aproximações teóricas entre as doutrinas psicanálise e católica, Gastão acusava que a psicanálise era “mal interpretada” pelos católicos, que se recusavam a admitir que fossem leitores de Freud. A fim de ilustrar que católicos e psicanalistas tinham mais pontos em comum do que gostavam de reconhecer, Gastão citava a obra *Educação sexual para pais e educadores*, escrito pelo padre Álvaro Negromonte³ e publicado pela primeira vez no ano anterior pela editora José Olympio.

O livro foi muito bem recebido não só entre católicos – o prefácio foi escrito por Dom Hélder Câmara, então assistente eclesiástico do Secretariado Nacional de Educação da Ação Católica e técnico do Ministério da Educação e Saúde Pública – mas também na grande imprensa. Gastão elogiava a “ousadia” e o pioneirismo de um padre em escrever sobre educação sexual, afirmando que as páginas de seu livro “estão cheias de ensinamentos psicanalíticos, muito embora seu autor não se confesse adepto da doutrina de Freud”. Endossava também que as considerações católicas sobre castidade e sexualidade sadia não eram muito diferentes do que os psicanalistas propunham, pois “a psicanálise nada mais é do que isto: educação sexual”. A confissão era outro

² Gastão Pereira da Silva (1898-1987) foi um psicanalista carioca dedicado à divulgação da psicanálise para leigos. Para tanto, usava uma carta escrita pelo próprio Freud como chancela de seus esforços em popularizar a doutrina. Colaborou nas revistas *Dom Casmurro*, *O Malho*, *Vamos Ler!*, *Carioca* e *Seleções Sexuais*, realizou programas radiofônicos e promoveu cursos de autoanálise, além de ter publicado mais de 50 livros, como *Para Compreender Freud*, *Vícios da Imaginação* e *Conhece-te pelos sonhos* (Marcondes, 2015).

³ Monsenhor Álvaro Negromonte (1901-1964) foi um sacerdote católico pernambucano e se destacou pelo engajamento com a divulgação de manuais católicos como instrumentos de formação religiosa e educativa, com especial destaque para a coleção de catecismos composta de 14 volumes e publicada pela José Olympio Editora a partir de 1937 (Orlando, 2008). Além disso, escreveu artigos para revistas católicas e não católicas, como *Seleções Sexuais*.

ponto de semelhança, embora fosse necessário considerar, no caso da psicanálise, “a sua doutrina e seu método” (Silva, 21/01/1940, p. 7).

As explanações de Gastão e seus elogios a um livro católico de educação sexual demonstram, ainda que de forma breve, que as relações entre psicanálise e religião eram mais complexas do que polarizadas. Além disso, na condição de “intelectuais mediadores”, isto é, de “homens da produção de conhecimentos e comunicação de ideias” (Gomes; Hansen, 2016, p. 10), tanto Gastão Pereira da Silva quanto monsenhor Álvaro Negromonte são personagens importantes para a discussão pública sobre a educação sexual, em especial no que diz respeito aos esforços na popularização dessas ideias e sua circulação entre um público leigo. A ampla publicação e propaganda de livros e de artigos em revistas e jornais sobre ao assunto revela um esforço mútuo de psicanalistas e católicos na divulgação e formação de seus leitores, que tinha a imprensa como principal instrumento de atuação.

3. A década de 1950: a sexualidade como pauta nos “anos dourados”

O interesse em pensar a década de 1950 se justifica não apenas pelo recorte temporal das próprias fontes sobre as quais se debruçam as questões colocadas, como também por algumas questões institucionais significativas. É nos anos 1950 que a psicanálise oficialmente se institucionaliza no Brasil enquanto especialidade médico-científica mediante reconhecimento da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro pela *International Psychoanalytical Association* (IPA), em 1955. Além disso, três anos antes, surgia o primeiro curso de psicologia no Brasil, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Isso contribui para pensar as interações entre católicos e psicanalistas, sobretudo no que diz respeito à “educação das almas”. A criação de cursos de psicologia em universidades católicas pode ser interpretada como uma forma de manter o objetivo cristão de cuidar das almas, a exemplo da posterior introdução da psicologia na formação vocacional dos padres (Jacó-Vilela; Rocha, 2014, p. 124). Além disso, o reconhecimento da psicanálise como explicação científica aos problemas individuais revela os conflitos e disputas por autoridade para resolver os problemas do “eu”, uma vez que surgia em cena um especialista para disputar espaço com um padre para ouvir sobre a intimidade e as angústias individuais. Esse caráter de “autoajuda psicanalítica-sexológica” buscava divulgar a doutrina e popularizar a prática da análise enquanto terapêutica no cuidado de si (Russo, 2002, p. 59).

Além disso, os “anos dourados” são marcados por transformações no campo político, cultural e moral significativas, como a substituição dos antigos paradigmas europeus de civilidade,

em especial os franceses, pela cultura de massa norte-americana e o *american way of life* nos modos “modernos” de se vestir, de se comportar e que também se expressavam em novas formas de relacionamento, desde o namoro até a intimidade conjugal. No que diz respeito à sexualidade e à saúde, a defesa de uma relação mais livre com o corpo através da educação sexual se expressava não apenas nos campos médico e religioso, como também no naturismo, defendido por médicos, jornalistas e intelectuais que clamavam pela existência de praias e clubes de livre culturismo no Brasil, causando grande burburinho na época. Em 1954, a dançarina Dora Vivacqua, eternizada pelo nome artístico de Luz Del Fuego, fundava na Baía de Guanabara a Ilha do Sol, a primeira ilha naturista no Brasil (Gonçalo Jr., 2009).

Essas iniciativas de liberalização dos costumes são acompanhadas de um moralismo conservador sem precedentes. Embora o país vivesse um período de abertura política desde o fim do Estado Novo, é possível acompanhar nas páginas da grande imprensa um esforço de censura às iniciativas consideradas imorais. A Delegacia de Costumes buscava combater e perseguir não apenas a prostituição e a vadiagem, como também publicações consideradas obscenas, como as revistas *Seleções Sexuais*, *Ciência & Sexualidade*, *Naturismo* e tantas outras que abordavam a temática do sexo, independente de seu caráter instrutivo, humorístico ou pornográfico (A Delegacia..., 15/07/1952, p. 2). Diante dessas tensões, é de surpreender os esforços de popularizar os conhecimentos sobre educação sexual, a fim de vencer os tabus e preconceitos sociais relacionados ao assunto e atribuídos à ignorância. Essa preocupação era compartilhada não apenas por médicos, sexólogos, psicanalistas, como também pelos católicos, uma vez que alguns padres também saíam em defesa da importância de uma boa instrução nos “mistérios da vida e do amor” para uma sexualidade sadia, do ponto de vista físico e moral de acordo com os propósitos de Deus, clamando que as ações dos médicos e dos sacerdotes ou professores de religião deveriam caminhar juntas na educação sexual (Negromonte, 1939, p. 50-51).

4. As práticas de leitura a partir da confissão: questões teóricas

Em diálogo com Foucault, compreende-se que os discursos moldam formas disciplinadoras de comportamento. Enquanto “matriz geral que rege a produção do discurso verdadeiro sobre o sexo” (Foucault, 2017, p. 70), a confissão se apresentava como o mecanismo pelo qual a educação sexual visava normatizar as condutas sexuais de modo a circunscrevê-las em um padrão “normal”, seja através da medicalização das perversões sexuais, seja através da moralização do sexo. Apesar de sua origem no cristianismo, a confissão da sexualidade foi apropriada por outros discursos, com

especial destaque para os médicos, que disputavam a autoridade de confessores. A penitência religiosa dava lugar ao diagnóstico e, em alguns casos, à cura – não mais da alma, mas do corpo dos sujeitos. Deste modo, a narrativa de si assume um papel fundamental à análise aqui pretendida, pois é a partir desse exame de si realizado através da confissão que a pedagogia do sexo atua. Os livros de educação sexual eram indicados nas seções de consulta e de aconselhamento dos leitores como método terapêutico e/ou pedagógico, visando a um só tempo conformar uma sexualidade normal e corrigir práticas consideradas desviantes ou imorais.

No entanto, tão importante quanto compreender o que é dito sobre a sexualidade e de que maneira tais discursos normatizam o sexo, é acessar como ocorre a recepção desses discursos por um público leigo não especializado, que não pertence às comunidades científicas tampouco a ordens religiosas. Daí a importância de refletir sobre os mediadores, responsáveis pela divulgação e pela tradução de saberes médicos ou teológicos para uma linguagem didática e esclarecida que possibilitassem a leitura desses conhecimentos.

As considerações de Roger Chartier (2002, 2011) a respeito das apropriações e dos usos que perpassam as práticas de leitura são fundamentais para a investigação, uma vez que se propõe a compreender a recepção da literatura sobre educação sexual por um público leigo. Muitas vezes os livros eram indicados como terapêutica e solução aos problemas narrados nas cartas enviadas pelos leitores à seções de aconselhamento em revistas. Isso implica em considerar o sujeito não como um efeito do discurso, tal como proposto por Foucault, mas sim produtor de próprias versões de si, uma vez que as experiências individuais interferiam de forma relevante na consideração do que era considerado saudável e normal, tornando a apropriação de modelos universalistas e normativos mais fluidos e negociáveis. Uma vez que tais discursos eram ressignificados no processo de apropriação pelos indivíduos, isso permitia múltiplas acomodações desses saberes, não apenas na adequação às normas, mas também linhas de fuga às mesmas.

5. Cartas de leitores e leitoras em revista

Apesar da diversificação dos meios de comunicação de massa, com destaque para a popularização do rádio e da televisão, a imprensa foi o veículo mais utilizado na divulgação de tais ideais e, conseqüentemente, onde a disputa por autoridade sobre a “verdade” do sexo, bem como as tensões e ambigüidades entre psicanalistas e católicos se revelam mais aparentes. O mercado editorial de livros sobre educação sexual crescia consideravelmente desde a primeira metade do século XX, com lançamento de coleções e bibliotecas científicas publicadas por editoras como

Civilização Brasileira e Companhia Editora Nacional. Além do monsenhor Álvaro Negromonte e de Gastão Pereira da Silva, destacam-se as publicações dos sexólogos José de Albuquerque e Hernani de Irajá, Antônio Austregésilo, Julio Porto-Carrero e traduções de autores estrangeiros, como dos médicos Charles Fouqué, Theodor Van der Velde, Auguste Forel e muitos outros (Carrara; Russo, 2002). A divulgação desse tipo de literatura para um público leigo se dava principalmente a partir de periódicos e, a fim de pensar seu alcance, algumas revistas se destacam pelo interesse e incentivo à participação dos leitores em seções de correspondência: as revistas ilustradas sobre sexo *Seleções Sexuais* e *Ciência & Sexualidade* e os periódicos católicos *Lar Católico* e *A Família Cristã*.

Publicadas no Rio de Janeiro e dirigidas por Edgard de Abreu, *Seleções Sexuais* (1952-1957) e *Ciência & Sexualidade* (1953-1957) eram revistas ilustradas que tratavam sobre o amor, o sexo e a sexualidade e indicadas para maiores de 18 anos. Diferente dos periódicos médicos, que tinham circulação restrita a médicos e especialistas, tais publicações eram voltadas para um público leigo e, para tanto, contaram com a colaboração de educadores, pedagogos, higienistas e “homens de ciência” dedicados à missão de esclarecer os problemas sexuais e amorosos de seus leitores e superar os tabus e preconceitos relacionados à sexualidade através da educação sexual. Além de trechos de livros e de artigos médicos traduzidos, crônicas e fotografias de esculturas greco-romanas e corpus nus, também tinham seções de consultas ao público leitor nas quais eram dados conselhos relativos à regulação da vida sexual, como “Confidências” e “Carta aberta”, ambas assinadas por Gastão Pereira da Silva. Destinada a leitores de ambos os sexos, tinham como objetivo atuar como consultório médico em revista:

Envie-nos o seu “caso”, relatando sem constrangimento, o que se passa de singular em sua “vida sexual”, tal como se estivesse no *confessionário* ou *diante de um médico*. Para cada caso daremos um conselho, uma orientação segura, através da palavra autorizada de um especialista no assunto. Com isso, completaremos nossa missão educativa (“Confidências”, *Seleções Sexuais*, 1952, ano I, n. 3, p. 22, grifo nosso).

As cartas enviadas para *Seleções Sexuais* também eram respondidas em *Ciência & Sexualidade*, na seção “Consultório: clínica sexual”. Desta forma, é possível considerar que tais revistas formavam uma rede discursiva engajada com a instrução sexual, importante para pensar o processo de divulgação dos saberes científicos sobre a sexualidade à margem de veículos tradicionalmente utilizados por médicos e especialistas, como os periódicos médicos. Ainda que pautada em um conhecimento científico especializado, as consultas em revista ressaltavam a importância das particularidades dos casos recebidos, permitindo acessar uma dimensão importante do processo de apropriação desses saberes por leigos: a subjetividade.

Ao tratar de temas ainda considerados tabus pela sociedade, não é de surpreender que tenham sido acusadas de obscenas e pornográficas. Através da imprensa de grande circulação, é possível conhecer que *Seleções Sexuais e Ciência & Sexualidade* não apenas foram censuradas, mas também incineradas e seus proprietários, processados. Essa atitude “em defesa da fé e da moral” conservadora teve repercussão em todo o país, mobilizando médicos, juristas e eclesiásticos que acusavam esse tipo de publicação de estimular os problemas de ordem sexual em seus leitores, e não de instruí-los (*Correio da Manhã*, 09/05/1957, n. 19667, p.4).

Aí entram os impressos católicos, pois estes atuavam justamente na evangelização e na instrução de seus leitores contra ideias más sugestionadas e imorais. Tanto o jornal *Lar Católico* quanto a revista *A Família Cristã* eram publicados por congregações religiosas dedicadas à missão de evangelizar através da imprensa. Inaugurado em 1898, o *Lar Católico* era publicado em Juiz de Fora pela Congregação do Verbo Divino⁴, que se tornou responsável pela revista a partir de 1912, data que marca sua segunda fase, até o fim de sua circulação em 1986. Já *A Família Cristã* teve seu primeiro número publicado em 1934, pela Pia Sociedade Filhas de São Paulo⁵, e até hoje se encontra em circulação, sendo uma das maiores publicações católicas do país (Dalmolin, 2012).⁶ Além de evangelizar, tais impressos buscavam informar seus leitores com assuntos contemporâneos, atualidades e orientação religiosa, com destaque para as seções “Intercâmbio com as leitoras”, “Carta dos leitores” e “Opinião do leitor”. Dedicadas aos esclarecimentos dos dogmas religiosos e à orientação dos leitores em sua vida prática, forneciam ainda modelos de conduta a seus leitores, que frequentemente escreviam narrando suas dúvidas sobre os sacramentos, superstições e, claro, educação sexual.

Através das cartas, os leitores se sentiam confortáveis e seguros para “desabafar, confessar, o que mesmo a um médico de nossa confiança sentiríamos verdadeiro vexame” (Curioso, 1954, p. 21), estabelecendo uma relação de confiança com aqueles personagens que assumiam a condição de confessores ao tratar de seus problemas íntimos e tirar dúvidas sobre os assuntos do amor, do sexo,

⁴ A Congregação do Verbo Divino é uma ordem religiosa fundada pelo padre alemão Arnaldo Janssen (1837-1909) em 1895, Styel (Holanda). Os primeiros padres verbitas chegaram no Brasil pouco tempo depois e se estabeleceram em Juiz de Fora a pedido de D. Silvério, então bispo da cidade de Mariana (Lucena, 2011, p. 71).

⁵ A Sociedade Pia das Filhas de São Paulo é uma congregação religiosa fundada em 1915 pelo padre italiano Tiago Alberione, que buscava na época incentivar a participação feminina nas ações missionárias da Igreja. As primeiras irmãs paulinas chegaram no Brasil em 1931, na cidade de São Paulo (Dalmolin, 2012, p. 49). Assim como os padres verbitas, tem a imprensa como instrumento missionário e hoje são responsáveis pela maior editora católica do país, a Paulus.

⁶ Na década de 1950, *A Família Cristã* tinha tiragem de aproximadamente 75 mil exemplares mensais e 130 mil assinaturas.

do próprio corpo e dos seus relacionamentos. Desta forma, a troca de correspondências incentivada pelas revistas e publicadas em seções de aconselhamento se apresenta como um recurso metodológico importante para refletir sobre o alcance das publicações e como ocorria, na prática, a educação sexual dos leitores, uma vez que permitem mapear quais livros e manuais eram indicados, em quais casos a leitura era indicada como terapêutica e solução, bem como traçar um perfil do público consumidor desse tipo de literatura – indivíduos jovens ou adultos, homens ou mulheres, casados/as ou solteiros/as. Além disso, a sugestão dessas leituras a um nível íntimo e pessoal estabelecido entre leitor e conselheiro indica a importância da subjetividade como percurso analítico para pensar as práticas de leitura e os usos feitos dos manuais de educação sexual por um público leigo.

6. Considerações finais: confissões ou consultas?

Assim como demonstrado por Cláudio DeNipoti (1999) em seu estudo sobre a leitura individual no silêncio da Biblioteca Pública do Paraná, preocupa-se mais em pensar as formas de acesso dos leitores ao conhecimento da educação sexual do que os comportamentos sexuais reais. A partir do interesse mútuo de psicanalistas e católicos pela questão sexual e a importância da leitura para a educação das vontades, pretende-se identificar não apenas os modelos de educação sexual propostos e seus pontos de aproximação e conflitos, como também os atores que participaram dessas estratégias como mediadores e confessores e, em especial, quem consumia esse tipo de literatura através das confissões enviadas sob a forma de cartas para revistas católicas e leigas. A partir dessas possibilidades, busca-se compreender em quais campos é possível atribuir uma educação sexual brasileira na década de 1950, uma vez que esta ocorria de forma muito mais fluída entre o consultório e o confessionário, permitindo uma diversidade aos leigos na busca por explicações e soluções de seus conflitos nos assuntos da sexualidade.

7. Referências bibliográficas

A Delegacia de Costumes e as revistas imorais. **A Manhã**, n. 3355, 15/07/1952, p. 2.

AUGUSTO, Viviane Oliveira. **Uma contribuição à historiografia da educação sexual no Brasil: análise de três obras de Antonio Austregésilo (1923, 1928 e 1939)**. 2015. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2015.

CARRARA, Sérgio; RUSSO, Jane. A psicanálise e a sexologia no Rio de Janeiro de entreguerras: entre a ciência e a auto-ajuda. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 9, n. 2, p. 273–290, maio-ago. 2002.

CENSURA. **Correio da Manhã**, 09/05/1957, n. 19667, p. 4.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. 2ª ed. Lisboa: Difel, 2002.

_____. (org.). **Práticas da leitura**. 5ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

CHUCAILO, Vanessa Cristina. “**O sexo à luz da verdade e da ciência**”: um estudo sobre os discursos de educação sexual e sexualidade no jornal *O Comércio de Porto União/SC (1933-1941)*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO). Irati, PR, 2015.

DALMOLIN, Aline. **O discurso sobre aborto em revistas católicas brasileiras: Rainha e Família Cristã (1980-1990)**. 2012. 224 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação) – Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2012.

DENIPOTI, Cláudio. **Páginas de prazer: a sexualidade através da leitura no início do século**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

FELICIO, Leandro Alves. **A moralização do sexo: os debates sobre a educação sexual para o Projeto de Nação Brasileira na I Conferência Nacional de Educação, 1927**. 2012. 155f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. 4ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos. **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GONÇALO JR. Pelada ficava a sua vó. **Trip**, p. 138–143, dez. 2009.

JACÓ-VILELA, A. M.; ROCHA, L. F. D. DA. Uma perspectiva católica da Psicologia no Brasil: análise de artigos da revista “A Ordem”. **Psicologia em Pesquisa**, v. 8, n. 1, p. 115–126, 2014.

LUCENA, Paola Lili. “**Nenhum lar sem o lar católico!**”: discursos e vivências sobre gênero, família e sexualidade no jornal *Lar Católico (1954- 1986)*. 2011. 355 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2011.

MARCONDES, Sérgio Ribeiro de Almeida. “**Nós, os charlatães**”: **Gastão Pereira da Silva e a divulgação da psicanálise em O Malho (1936-1944)**. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz, Casa de Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, 2015.

NEGROMONTE, Mons. Álvaro. **A educação sexual (para pais e educadores)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.

NUNES, César; SILVA, Edna. Sexualidade e educação: elementos teóricos e marcos historiográficos da educação sexual no Brasil. In: LOMBARDI, J. C. (org.) **Pesquisa em**

educação: história, filosofia e temas transversais. Campinas: Autores Associados, 1999, p. 161-175.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. **Por uma civilização cristã: a Coleção Monsenhor Álvaro Negromonte e a pedagogia do catecismo (1937-1965).** Dissertação (Mestrado em Educação)—São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2008.

REIS, Giselle Volpato dos. Sexologia e educação sexual no Brasil nas décadas de 1920- 1950: um estudo sobre a obra de José de Albuquerque. 2006. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara, 2006.

RUSSO, Jane. **O mundo psi no Brasil.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

SILVA, Gastão Pereira da. Um aspecto religioso da psicanálise. **Dom Casmurro**, 20/01/1940, ano III, n. 134, p. 7.

_____. “Confidências”. **Seleções Sexuais**, ano I, n. 3, p. 22, 1952.

_____. “Consultório (clínica sexual)”. **Ciência & Sexualidade**, ano I, n. 4, p. 18-21, 1954.